

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

ABRIL/1985

A Música nas
nossas igrejas

Pág. 6

O Evangelismo
Público e os
Mil Dias de
Colheita

Pág. 9

II. A Graça e
a Lei no
Pentateuco

Pág. 10

«Semelhante
ao Grão de
Mostarda»

Pág. 12



O Tempo é Breve

HEINZ HOPF

Segundo um recente artigo publicado na mais popular revista suíça («Schweizer Illustrierte»), a área total de florestas na Europa Central terá morrido antes de 1992, a menos que

O tempo em que será possível alterar a situação actual através de medidas drásticas é cada vez mais curto.

O mesmo acontece com a proclamação da mensagem adventista às multidões que, no nosso planeta, ainda a ignoram.

Quem pode adverti-las da iminente volta do Senhor?

O estabelecimento da gigantesca estação radiofónica que a Rádio Mundial Adventista se propõe construir em Guam e que atingirá mais de metade da população mundial é, portanto e neste caso, o projecto missionário por excelência.

O custo total da construção, orçada em 5 milhões de dólares, não constituirá qualquer problema se os membros da família adventista mundial trabalharem em uníssono neste sentido. Dada a proximidade de uma época em que já não mais poderemos comprar nem vender, muitos de nós já deram liberalmente.

Por exemplo, os oficiais da Conferência-Geral em Washington, comprometeram-se pessoalmente a dar 15 000 dólares, ou seja, uma média de 500 dólares cada um.

Como sabem, a primeira oferta teve lugar no Sábado, 9 de Março último. Todavia e para o caso em que alguém sinta que não estava suficientemente preparado, foi estabelecida uma segunda data: Sábado, 25 de Maio.

Estes dois dias da oferta para a Rádio Guam foram escolhidos como dias especiais para as igrejas. Todavia, todos são livres de dar para este projecto em qualquer momento.

Pela minha parte, eu interpreto como um sinal da intervenção divina o facto de a nossa denominação ter recebido muito mais depressa do que esperávamos a autorização oficial do governo para construir a estação.

Allen Steele, que muitos em Portugal conhecem e que tem continuado a estudar estes assuntos relacionados com a Rádio, foi nomeado director desta estação. Durante muitos anos ele esteve em Lisboa, como director da AWR-Europa.

Com a bênção do Senhor, nós poderemos respeitar os prazos fixados e transmitir a última mensagem de salvação a pessoas que, num futuro bem próximo, transporão os limites da sua existência terrena.

Director do Departamento de Comunicações da Divisão Euro-Africana

Pensamento do mês:

O sofrimento e o êxito andam juntos. Se estais sendo bem sucedidos sem sofrimento, é porque outros sofreram antes de vós. Se estais sofrendo sem êxito, é para que outros o possam ter depois de vós.»

Dr. Edward Judson

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Abril 1985

Ano XLVI • N.º 463

DIRECTOR:

J. Morgado

PROPRIETÁRIA E EDITORA:



Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Salvador Allende, lote 18

2686 Sacavém Codex

Telef. 2510844

PREÇOS:

Assinatura Anual 450\$00

Número Avulso 45\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.

Vale Travelho • Pedreiras

2480 Porto de Mós

Telef. 42413

DEPÓSITO LEGAL N.º 2705/83

«O Filho do Homem ... veio ... para servir ...» (Mateus 20:28)

Ao contemplarmos a vida de Jesus, ao meditarmos na maneira como Ele transformava os Seus ensinamentos em prática diária da Sua vida, podemos compreender a espécie de amor de que somos alvo por parte do Mestre.

O evangelista Mateus recolheu palavras de Jesus que nos ajudam a compreender a nossa missão no mundo: «O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir» (Mateus 20:28). Jesus exemplificou constantemente na Sua vida estes princípios que proclamava. Não é fácil esquecer o momento em que, reunidos no cenáculo, os discípulos discutiam, sem falar, sobre qual deles deveria fazer o serviço do servo. Ninguém quis tomar a dianteira, todos se consideravam superiores. Foi então que Jesus «deitou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos» (João 13:5). Uma lição sem palavras e a impressão causada por ela, podemos vê-la nas palavras que Pedro proferiu quando o Senhor Se baixou perante ele para lhe lavar os pés: «Senhor, tu lavas-me os pés a mim?» (João 13:6).

Depois da lição, o Senhor deixou um convite com os Seus discípulos, dizendo: «Ora, se Eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros» (João 14:3).

Um dos grandes problemas que nos atingem é, sem dúvida, o orgulho, e Paulo, na

sua carta a Timóteo, ao falar da situação dos homens nos últimos dias da história desta pobre humanidade, dizia que os homens seriam «orgulhosos...» (II Timóteo 3:4). Não podemos admitir que outros saibam mais do que nós, tenham uma experiência melhor do que a nossa, saibam trabalhar melhor do que nós, etc. Por vezes, os talentos que possuímos são de tal maneira usados que pouco proveito tiramos deles. Por isso, creio que seria bom que meditássemos profundamente no exemplo que a vida de Jesus nos dá. Se realmente temos possibilidades que sobressaem sobre as dos outros, procuremos usá-las para honra e glória de Deus.

No livro de Salmos, várias mensagens põem em destaque a maneira como o Senhor aprecia a humildade: «Ainda que o Senhor é excelso, atenta para o humilde, mas ao soberbo conhece-o de longe» (Salmo 138:6).

A vida cristã é semelhante a uma escola onde vamos aprendendo cada dia a subir um novo degrau na nossa caminhada para o céu. Jesus dizia: «Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração» (Mateus 11:29).

Se realmente fosse possível aprendermos verdadeiramente de Jesus, a nossa vida uns com os outros seria muito diferente, para melhor.

A Igreja precisa que os homens, mulheres e jovens que a compõem possam, com um



verdadeiro espírito de humildade, servir ao Senhor e servir ao próximo.

A história está cheia de exemplos de homens e mulheres de valor incalculável, mas que com humildade, consideraram um privilégio possuir meios, talvez fora do comum, para servir os outros. Quantos cristãos têm sido uma bênção para o próximo no lugar onde vivem, onde trabalham, onde têm que exercer a sua actividade! Nós orgulhamo-nos de pertencer à igreja que «guarda os mandamentos e tem a fé de Jesus» (Apoc. 14:12), e, por vezes, esse orgulho faz-nos acreditar que somos ricos e que de nada temos falta; mas o Senhor aconselha-nos a verificar a nossa situação e a obter d'Ele os elementos necessários para podermos ser a luz do mundo ou o sal da terra.

Procuremos, com humildade de coração, fazer fielmente a obra do Senhor, e então ouviremos da Sua boca, no final da nossa carreira: «Bem está, bom e fiel servo» (Mateus 25:21).

J. Morgado

Crucificado por e Crucificado com

NORMAN H. YOUNG

«Porque dificilmente alguém morrerá por um justo; pois poderá ser que por um homem bom alguém ouse morrer» (Romanos 5:7). De facto, há ainda pessoas que dão as suas vidas por outras e todos nós ouvimos relatar esses casos.

Jesus também deu a Sua vida pelos outros. O Evangelho acentua particularmente este facto e Lucas preocupa-se em realçar a inocência de Jesus. Uma e outra vez, Pilatos declarou que Jesus estava inocente. Herodes Antipas e um dos criminosos crucificados com Jesus, bem como o centurião que assistiu à crucifixão no Gólgota, todos deram testemunhos semelhantes ao de Pilatos: «Não acho culpa alguma neste Homem» (Lucas 23:4); «Nenhuma culpa, das que O acusais, acho neste homem» (v. 14); «Eis que não tem feito coisa alguma digna de morte» (v. 22); «Este nenhum mal fez» (v. 41); «Na verdade, este Homem era justo» (v. 47).

Se Jesus não merecia morrer, se não devia morrer, porque foi, então, crucificado? A preposição gramatical que no Novo Testamento responde a esta pergunta é «por» (Grego *hyper*).

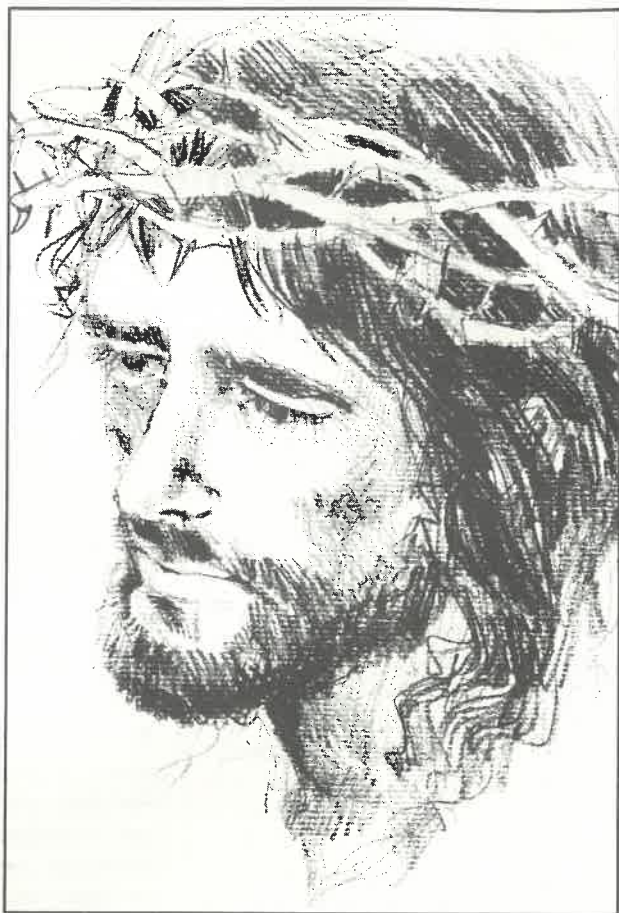
«Cristo morreu *pelos* [contracção da Preposição *por* com o Determinante *os*] pecadores» (Romanos 5:6); «Cristo morreu *por nós*» (I João 3:16).

A morte expiatória de Jesus não foi por nós em sentido exclusivo. Ele foi feito «propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos pecados, mas, também pelos de todo o mundo» (I João 2:2), pois o Novo Testamento diz claramente: Deus «O entregou *por todos nós*» (Rom. 8:32); «Ele morreu *por todos*» (II Cor. 5:15); Ele provou «a morte *por todos*» (Heb. 2:9).

Foi pelo homem pecador que Jesus morreu: «Cristo morreu *por nós*, sendo nós ainda pecadores» (Rom. 5:8); «Cristo morreu *pelos* nossos pecados» (I Cor. 15:3); «Deu-se a Si mesmo *pelos* nossos pecados» (Gál. 1:4).

As palavras de Jesus, ao instituir a Santa Ceia, testificam de que o corpo quebrantado e o sangue derramado o foram *por nós* (Ver Lucas 22:19 e 20; I Cor. 11:24; Cf. I Pedro 2:21), o que quer dizer que Jesus morreu em benefício dos outros e não de Si próprio. *Ele morreu por nós*.

Talvez possamos perguntar-nos agora se somos nós os únicos receptáculos dos benefícios da Sua morte e se não precisamos, também, de estar envolvidos nela. Recebemos o dom da vida sem ter de partilhar da Sua morte? A preposição gramatical que responde a estas perguntas é «com» (Grego *syn*).



Como vimos, Paulo declara categoricamente que «Um morreu por todos» e a partir desta premissa, conclui: «Logo, todos morreram» (II Cor. 5:14). O cristão não tem que aceitar a morte de Cristo *em vez* da sua morte, porque, na realidade, a morte de Cristo é a sua própria morte. E isto o baptismo o proclama peremptoriamente. O Novo Testamento não conhece qualquer dicotomia entre «crucificado por» e «crucificado com», tal como o demonstram os textos seguintes: «O nosso homem velho [velha vida] foi *com Ele* crucificado» (Rom. 6:6); «Já estou crucificado *com Cristo*; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim» (Gál. 2:20).

A nossa morte com Cristo é dramaticamente apresentada no baptismo: «Fomos baptizados na Sua morte» (Rom. 6:3); «plantados juntamente *com Ele* na semelhança da Sua morte» (v. 5); «De sorte que fomos sepultados *com Ele*, pelo baptismo, na morte» (v. 4); «Sepultados *com Ele* no baptismo» (Col. 2:12).

O facto de que todos morremos com Cristo no Calvário não é apenas uma verdade do Evangelho que devemos aceitar pela fé: deve ser, também, uma realidade para o crente. Efectivamente, nós somos «co-herdeiros de Cristo, se é certo que *com Ele* padecemos» (Rom. 8:17). Não há ressurreição fora da morte com Cristo: «Se morrermos *com Ele*, também *com Ele* viveremos» (II Tim. 2:11). Paulo ora para que possa «conhecê-l'O e à virtude da Sua ressurreição e à comunicação das Suas aflições, sendo feito conforme à Sua morte, para ver se, de

NORMAN H. YOUNG

Professor no Colégio Adventista de Avondale, na Austrália

alguma maneira, posso chegar à ressurreição dos mortos» (Fil. 3:10 e 11). Talvez Paulo, quando declara que a Ceia do Senhor é uma comunhão do corpo e do sangue de Cristo (I Cor. 10:16), se refira, não apenas ao partilhar dos benefícios da Sua morte, mas, também, ao partilhar da experiência espiritual de morrer com Ele.

Comunhão na morte e na ressurreição

No Novo Testamento, a participação do crente na morte e ressurreição de Cristo encontra expressão na vida moral quotidiana. Jesus morreu por todos com o objectivo específico de que «os que vivem não vivam mais para si, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou» (II Cor. 5:15). O crente «foi *com Ele* crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado» (Rom. 6:6). A morte do Cristão com Cristo é uma morte para o pecado e a sua ressurreição é uma ressurreição para Deus e em novidade de vida (Ver v. 10 e 11). Tendo morrido com Cristo, o cristão está morto para a imoralidade terrena (v. 12 e 13) e vive a vida da ressurreição que é a moralidade do céu (Col. 3:1 e 2).

A proclamação completa do Evangelho a respeito da morte de Jesus, abrangerá não apenas a pregação de que Cristo foi crucificado por nós, mas anunciará, também, que nós fomos crucificados com Ele. Esta nossa morte com Cristo não se limitará a uma declaração de fé: para ser fiel ao significado que Paulo lhe atribui, será, também, uma experiência concreta, real.

Quando alguém é crucificado com Cristo, esse alguém é ressuscitado para andar em novidade de vida. Todos nós conhecemos casos de pessoas que passaram por transformações profundas após o seu encontro com Cristo. E casos há em que párias da sociedade abandonam o vício e o crime e passam a viver uma nova vida com Cristo. Tal é o poder da morte e vida *com Cristo*.

«Era dessa maneira que vocês procediam antigamente, quando viviam para essas coisas: Mas agora, deverão libertar-se de tudo isso: das atitudes de ira e de irritação, da malícia, dos insultos e das más palavras que possam sair da vossa boca. Não mintam uns aos outros, porque vocês já são diferentes do que eram e deixaram-se dos velhos hábitos. Vocês agora são diferentes, renovados de acordo com a imagem do próprio Deus e criados por Ele para O conhecerem. ...Vocês são o povo de Deus, porque Ele vos ama e vos escolheu. Portanto, é preciso que tenham sentimentos de compaixão, bondade, humildade, modéstia e paciência. Ajudem-se uns aos outros, e se alguém tiver alguma razão de queixa contra outro, deve perdoar-lhe. Assim como o Senhor vos perdoou, também vocês devem perdoar uns aos outros. Acima de tudo, tenham amor, que é o que une perfeitamente todas as coisas.» — O Novo Testamento, *A Boa Nova para Toda a Gente* — Texto Interconfessional do texto Grego para o Português moderno — Colossenses 3:7-14.

Janela Poética

Eu vi as Tuas mãos, Senhor!

Maria Augusta Pires

Senhor, eu amo as Tuas mãos, tão calmas e serenas!
Fortes mãos, onde eu quero tranquilo repousar,
Porque, ao ver as minhas mãos tão frágeis e pequenas,
Sinto que as Tuas mãos existem para as minhas sustentar.

Mãos sacrossantas nascidas na Gruta de Belém!
Mãos que eu vi em Nazaré trabalhando com ardor!
Mãos predestinadas para a prática do bem!
Mãos semeando a êsmo perdão, saúde e amor.

No fascínio dessas Tuas mãos, eu Te segui, Senhor,
Nas aldeias e cidades da nobre Palestina.
E eu vi as Tuas mãos destilarem o Amor
Que o ódio vence, o perdão concede e o mal domina.

Senhor, eu escutei cegos ao longo do caminho
Que em gritos lancinantes Tua compaixão rogavam,
E eu vi aproximares-Te deles, com carinho,
E as Tuas mãos sobre os seus olhos a vista restauravam.

Senhor, eu vi leprosos imundos, prestes a morrer,
Rastejando a Teus pés, saúde a suplicar,
E poisadas naqueles corpos, já a apodrecer,
Eu vi, Senhor, as Tuas mãos da lepra os libertar,

Eu vi paralíticos implorando-Te piedade.
Eu vi aqueles a quem a dor e a morte aprisionavam.
Eu vi sofredoras multidões esperando bondade
Dessas Tuas mãos divinas que a todos libertavam.

Eu vi as Tuas mãos acalmando a tempestade,
Erguidas para os ventos, silêncio ordenando,
Estendidas para o mar com tremenda autoridade,
E sob as Tuas mãos eu vi vento e mar à paz voltando.

Mas naquele dia eu vi essas Tuas mãos, Senhor,
Segurando, já sem forças, a tão pesada cruz.
E ouvi gritos, gritos loucos, palavras de rancor,
Ecos do ser que o amor rejeita e a ingratidão traduz.

Eu vi, Senhor, que as Tuas mãos sublimes entregaste
À cruel cegueira de homens perversos em furor.
Pregaram as Tuas mãos nessa cruz e Tu deixaste,
Oferecendo ao mundo inteiro Redenção, Perdão e Amor!

Senhor, eu vi dessas mãos divinas jorrar Teu sangue!
Eu vi que se rasgavam em dor cruel, sem fim...
Eu vi pendente dessas mãos o Teu corpo exangue!
Senhor, e, em Tuas mãos escrito, o meu nome eu vi!

Senhor, por tudo quanto eu vi, as Tuas mãos eu amo!
Fortes mãos, calmas, serenas espargindo Tua luz!
Coloca-as sobre mim. Minha vida orienta. A Ti eu clamo
Sustém as minhas mãos frágeis, pequenas, ó meu JESUS!

A Música nas nossas Igrejas

JOAQUIM MORGADO

O ano de 1985 é chamado ANO EUROPEU DA MÚSICA. Em 1985, talvez se deva, portanto, fazer um esforço especial para que a música tenha, de novo, um lugar importante nas nossas igrejas.

A atmosfera que dimana das Sagradas Escrituras é uma atmosfera de louvor. No livro dos Salmos, quantos e belos hinos encontramos, que ao longo dos tempos têm servido de encorajamento ao povo de Deus!

Ellen G. White, falando da música nas igrejas diz o seguinte:

«A música pode ser um grande poder para o bem; contudo, não tiramos o máximo proveito desta parte do culto. O cântico é geralmente originado do impulso ou para atender casos especiais, e em outras vezes, os que cantam o fazem mal, e a música perde o devido efeito sobre a mente dos presentes. A música deve possuir beleza, poder e a faculdade de comover. Ergam-se as vozes em cânticos de louvor e adoração. Recorrei, se possível, ao auxílio de instrumentos musicais, e a gloriosa harmonia suba a Deus em oferta aceitável.» — *Evangelismo*, pág. 325.

Assim, uma comissão composta pelos Pastores J. Gomes (Presidente), Eduardo Graça e pelos Irs. Fernando Ferreira e Samuel Laranjeira, estudou o assunto e propôs um plano que poderia ser posto em prática para incrementar a música nas nossas igrejas e na nossa União. Foram feitas várias recomendações que o Conselho da União, realizado em 5 de Fevereiro, estudou e que transmitimos às igrejas através da *Revista Adventista*:

«Ano Europeu da Música»

A Comissão reuniu-se em 13 de Janeiro, em Oliveira do Douro, e formulou as seguintes sugestões para actividades musicais no nosso meio, no decorrer deste Ano Europeu da Música:

A. A nível de Igreja local

1. Recomendamos que em todas as igrejas a Escola Sabatina seja precedida de 15 minutos de Cânticos (Hinos do nosso Hinário).
2. Nas igrejas onde for possível, que, também, todas as reuniões públicas sejam precedidas de 15 minutos de hinos.
3. Nestes períodos, deve-se incentivar a aprendizagem de hinos desconhecidos e tentar corrigir os que são conhecidos mas mal cantados.
4. Estimular os nossos jovens a aprenderem música. Sendo possível, outros instrumentos além do órgão e do piano.
5. Dar possibilidade à congregação de participar

activamente no canto e evitar suprimir hinos ou mesmo estrofes no canto congregacional.

6. Nas igrejas onde houver possibilidades, organizar, *pelo menos uma vez durante este ano*, uma audição musical, coral ou instrumental.
7. Recomendamos que, quando a União participar na aquisição de um órgão, se certifique da qualidade e função litúrgica do instrumento.

B. A nível regional

1. Aproveitando os Encontros Regionais, já previstos, ou os Congressos, recomendamos que sejam organizados programas musicais reunindo coros, grupos, solistas das diferentes igrejas.

C. A nível nacional

1. Sugerir à União a hipótese de um Encontro de vários coros, com fins evangelísticos, durante um fim de semana, de preferência prolongado, numa cidade cuja igreja necessite de apoio externo.»

Para pôr em prática estas recomendações, desejamos chamar a atenção sobre os seguintes pontos:

A nível local

a) Existe uma Separata com os hinos mais conhecidos, que a Publicadora mandou editar para haver possibilidade de termos material para oferecer às pessoas que visitam a Igreja;

b) Nenhuma igreja deve tomar uma resolução definitiva na compra de órgãos, esperando uma comparticipação da União sem que, antecipadamente se verifique qual o órgão que vão adquirir.

A nível regional

Desejariamos chamar a atenção de todas as igrejas para que nos próximos Congressos possam ter a colaboração de grupos musicais, solos, etc. de cada uma das igrejas participantes.

A nível nacional

Desejariamos propor desde já a realização de um Encontro Musical a nível nacional, que deveria começar já a ser preparado por todas as igrejas. Escolheríamos uma cidade onde a nossa Obra estivesse em crescimento e ali realizaríamos, durante um fim de semana, um programa que chamasse a atenção dos habitantes para a Igreja Adventista. Esperamos que a preparação possa começar já em todas as igrejas!

Alcançando pessoas que não conhecemos

SAMUEL F. MONNIER

Ao pensarmos em dar testemunho da nossa fé, deveríamos tomar a decisão de, sempre que visitarmos alguém ou recebermos alguém em nossa casa, terminar esse encontro com uma oração. Deveríamos, também, multiplicar os nossos convites para jantar, com o propósito de aproveitar os momentos em que se está à mesa, ou logo a seguir à refeição, para cimentar uma amizade e dar o nosso testemunho, partilhar a Palavra e orar com os nossos convidados.

Certamente que repararam que nos artigos anteriores nunca falei em visitação casa-a-casa. E todavia, este é um assunto muito importante. Eu acredito que cada um de nós tem um território de talvez umas 100 casas e que   nossa responsabilidade ir a estes lares e ganh -los para Cristo.

Antes de visitar as pessoas que moram no nosso território, há alguns pontos que, por muito simples, não devem ser negligenciados. Como podemos arranjar os nomes dessas pessoas que temos de visitar? Como proceder para que não nos batam com a porta na cara? Já se aperceberam da grande quantidade de nomes que existem nos ficheiros das nossas igrejas? São nomes de pessoas que, de algum modo, já tiveram contacto com a nossa igreja. Vejamos algumas maneiras de conseguir nomes e moradas de pessoas susceptíveis de ter algum interesse pela mensagem:

1. Através dos ficheiros dos assinantes das nossas revistas missionárias, etc.

2. Nomes recolhidos por altura da Campanha das Missões, de saídas missionárias, etc.

3. Nomes de pessoas que estejam em contacto com os nossos programas de Rádio, de telefone, ou até que tenham seguido em tempos os nossos cursos de Bíblia por correspondência, ou o curso de «A Bíblia Responde».

Como obter estes nomes e moradas? Nas nossas igrejas deveria haver um coordenador de interesses. Esta pessoa, talvez ligada à Sociedade Missionária, poderia encarregar-se de receber todos os nomes de pessoas que vivam no território da igreja e que tenham tido ou tenham algum contacto com a Igreja Adventista ou com algum dos seus programas. Os membros devem ser treinados para contactar estas pessoas. Esses milhares de nomes são um tesouro do Senhor. De quem será a culpa se falharmos visitá-los?

Durante um recente Seminário de Evangelismo Leigo, ouvi relatar uma experiência. Um pastor recebeu uma indicação da sede do programa «Está Escrito» (na América) para ir visitar uma pessoa. Foi com dois irmãos da igreja. Quando bateram à porta, veio um homem abrir e eles apresentaram-se como representantes do programa televisivo «Está Escrito» e do Pastor Vandeman, seu locutor.

O homem respondeu:

— Há dez anos que tenho estado   vossa espera. Agora acabei os meus estudos da Bíblia!

— Não, senhor. S  há nove anos. Está aqui escrito na sua ficha que terminou há nove anos!

— responderam os nossos irmãos. Todos riram. No Sábado seguinte, o homem estava na igreja.

Uma vez, sentei-me ao lado de

uma Testemunha de Jeová, num avião. Vi que ele — era um homem — se preparava para me dar o seu testemunho, mas antes que ele o pudesse fazer, comecei eu a falar-lhe da minha alegria por pertencer ao Senhor. Conte-lhe como vivia antes de conhecer a Cristo, como O encontrei e relatei-lhe a minha actual amizade e companheirismo com Jesus.

O homem parecia estar pendente de cada palavra que eu proferia. Fiquei surpreendido por ele não procurar sequer, convencer-me que eu estava errado. Tivemos uma bela conversa e no fim eu disse-lhe que tinha a certeza de que um dia, através de um cuidadoso estudo da Palavra de Deus, ele haveria de descobrir a importância de observar os mandamentos de Deus, incluindo o quarto.

Mas o que eu recordo   uma das suas observações: «Se nós, Testemunhas de Jeová, tivéssemos acesso aos milhares de nomes de pessoas que já tiveram contacto com os Adventistas, nós teríamos um verdadeiro sucesso!»

— Que quer dizer com isso? perguntei eu.

— Bom, vocês têm boas revistas (e mencionou os *Sinais dos Tempos*, entre outras). Têm bons programas de Rádio e Televisão, e entram em contacto com muitos não-Adventistas através das vossas escolas e dos vossos programas de saúde. S  não compreendo porque é que vocês não crescem tanto como nós!

Eu sorri e dei-lhe a resposta que as Testemunhas de Jeová dão geralmente aos Católicos, Metodistas e Baptistas:

— Não fala Jesus de um «pequeno rebanho»?

Mas ele tinha razão. As pessoas ficam bem impressionadas com o nosso trabalho e temos milhares de nomes nos nossos arquivos. Quase todas as igrejas têm um ficheiro com muitos cartões em que as próprias pessoas escreveram os seus nomes e a quem já demos qualquer coisa. Mas que fazemos com esses preciosos nomes?

Há algum tempo fui pregar a uma igreja no leste americano. Estava programado um almoço em

SAMUEL F. MONNIER

Director-adjunto do Departamento de Actividades Leigas da Conferência-Geral

conjunto, daqueles em que cada membro traz um pequeno lanche e que, depois, todos partilham, ao qual se seguiria uma sessão de treino missionário para visitaçã porta-a-porta.

A seguir ao almoço, perguntei ao pastor se havia na igreja um coordenador de interesses. Fiquei surpreendido quando ele me respondeu: «Só um minuto, vou apresentar-lha». Geralmente, dizem-me: «Bem, este ano não temos. Mas para o ano que vem, vamos nomear alguém». Não desta vez. O pastor voltou com uma senhora, que me apresentou.

Perguntei-lhe se tinha um arquivo de pessoas interessadas e ela disse-me que sim. Fomos a um pequeno gabinete, e abriu uma gaveta. Havia ali cerca de 600 fichas. Perguntei: «A igreja está organizada em territórios? Estas pessoas são visitadas regularmente?»

— Não, disse ela. Não temos muitos membros dispostos a fazerem visitas e além disso poucos destes interessados são realmente bons. Alguns até já nem moram aqui.

Comecei a percorrer as fichas e de repente vi um cartão que dizia: «Pedido de visita pastoral». O cartão indicava a idade da pessoa: 17 anos. A data mostrava que isso acontecera havia três anos. Perguntei então à coordenadora dos interesses se aquela jovem fora visitada.

— É claro que não, porque não está apontado no cartão.

Perguntei ao pastor se ele sabia que havia na igreja uma ficha de uma jovem que pedira os seus serviços e ele respondeu:

— Não, não sabia. Sou novo nesta igreja.

Decidimos então ir visitar aquela jovem naquela mesma tarde, durante o período de visitaçã porta-a-porta que estava programado.

Fomos. Ninguém respondeu à porta e assim visitámos outras casas naquela área. Um pouco mais tarde, voltámos a bater à porta da dita jovem e veio abrir uma senhora. Vimos logo que não era a pessoa que procurávamos, aquela que pedira a visita de um pastor adventista.

Dissemos-lhe qual era o objectivo da nossa visita e ela respondeu-nos:

«Sim, já sei do que se trata. A minha filha escreveu-vos há três anos. Levaram um certo tempo a responder... Agora é tarde. Mas entrem, tenho alguma coisa a dizer-vos.

«Todos os domingos de manhã a nossa filha via na televisão o programa *Está Escrito*. Ela gostava muito. Um dia, disse-me: 'Sei que vocês vão ficar chocados, mas eu tenho que proceder de acordo com a minha consciência. Pedi para ser visitada por um pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tomei a decisão de pertencer à igreja do Pastor Vandeman.'

«Claro que ficámos chocados, porque temos a nossa religião e vamos à nossa igreja regularmente. Pedimos-lhe que não deixasse a nossa igreja, porque, de facto, não queríamos que ela se tornasse Adventista do Sétimo Dia, e pedimos ao nosso pastor que a visitasse e viesse falar com ela. Ele veio e ela disse-lhe que gostava de ir à igreja ao domingo mas que não se sentia convenientemente alimentada. Precisava de ouvir o Pastor Vandeman, porque sentia que ele 'ensina de facto, o que está escrito na Bíblia, e na vossa igreja, não'.

«O pastor insistiu, e a nossa filha continuou a frequentar a nossa igreja. Para minha surpresa, um dia, ela disse-me: 'Acho que o nosso pastor está a ir muito melhor. Ele mudou muito'. Era verdade. Os seus sermões eram melhores e certamente que o ter falado com a nossa filha tivera nisto grande influência. Mas ela continuava à espera da visita de um pastor adventista.

«Certo dia, duas pessoas bateram à nossa porta. Eram Testemunhas de Jeová. Ela mesmo se recusou a recebê-los e disse-lhes que estava à espera da visita de um pastor Adventista do Sétimo Dia e que 'é a essa igreja que eu quero pertencer, porque acredito que eles têm a verdade'. As Testemunhas quiseram argumentar, mas ela fechou-lhes a porta.

«Todavia, uma semana mais

tarde, elas voltaram. A nossa filha não queria falar com elas, mas elas continuavam a vir. Até que um dia elas disseram: 'Porque não nos dá uma oportunidade, visto que não vem nenhum pastor adventista?' E ela deu-lhes essa oportunidade. Achou que era justo e pensou que o seu conhecimento bíblico seria suficiente para refutar a doutrina deles. Mas seis meses mais tarde tornou-se Testemunha de Jeová e foi baptizada. Agora já não mora aqui, tem estado a estudar e dentro em breve será enfermeira diplomada.

«Porque não vieram mais cedo?» perguntou a senhora. «Eu e o meu marido preferíamos cem mil vezes que a nossa filha fosse Adventista do Sétimo Dia do que Testemunha de Jeová!»

É escusado dizer que nos sentimos profundamente tristes ao deixar aquela casa. Tomámos nota da morada da jovem, mas nunca mais ela chegou àquela decisão que um dia fizera: «Quero ser baptizada na Igreja Adventista do Sétimo Dia».

É verdade: há jóias nos nossos arquivos. Porque não as procuramos e não seguimos fielmente esses interesses, pequeninos que sejam?

Não nos mostra esta experiência que temos realmente excelentes nomes nos nossos arquivos? Talvez que nove de cada dez nomes, ou até 99 de cada 100 nomes não sejam «bons», mas temos de esquecer aqueles que não têm qualquer utilidade e pensar naquele pequenino número que, talvez, possa vir um dia a pertencer à igreja remanescente de Deus.

Eu reconheço que precisamos de dar muitos testemunhos para ganhar apenas uma única alma. Mas a alma é algo de precioso aos olhos do Senhor e é a maior recompensa de um testemunho fiel. O facto é que o êxito conduz ao êxito.

O primeiro passo é importante: o primeiro estudo bíblico, o primeiro testemunho que se dá, o primeiro contacto que se estabelece. Não devemos esperar muito. Temos de avançar pelo Jordão,

dando ao Senhor a oportunidade de nos abrir um caminho para o atravessarmos a pé seco.

Se o prezado Irmão tem o nome de uma família que recebe uma das nossas revistas missionárias ou que já teve um contacto com a Igreja Adventista, avance. Vá-lhes fazer uma visita. Dê o seu nome, pergunte-lhes se gostam da revista, o que acham dessa publicação e quais as sugestões que eles têm para melhorar o seu aspecto ou conteúdo. Em breve vai saber mais coisas sobre essa família, sobre as suas ocupações, a sua religião, etc. E, quem sabe, talvez se proporcione uma oportunidade de dar o seu testemunho, de ler uma promessa bíblica, de orar com eles.

Três Chaves do Testemunho

Se o testemunho é a *chave de bronze* que nos permite partilhar a nossa fé, a *chave de prata* é a leitura das promessas bíblicas. Estas promessas devem ser adaptadas ao tipo de pessoas que estamos contactando. A *chave de ouro* será sempre elevar os nossos corações em oração ao Senhor.

Se tem o nome de uma pessoa que terminou o curso de Bíblia por correspondência, pode também visitá-la. Fale com o Pastor, com a Sociedade Missionária ou com o Departamento de Comunicações da União, estabeleça um bom plano e verá as portas abrirem-se.

Para que devemos seguir estes interesses? O objectivo final é o baptismo destas pessoas. Nós so-

mos instrumentos nas mãos do Senhor. Sejamos honestos conosco próprios. A nossa responsabilidade é suscitar contactos amigáveis para que as pessoas que contactamos possam tornar-se interessadas na Verdade que lhes apresentamos. Então o Espírito Santo poderá trabalhar nas suas mentes.

Deixemos que *elas* decidam quando começar estudos bíblicos e quando tomar posição por Jesus. Algumas vezes ficamos demasiados ansiosos, de tal maneira que destruímos todo o plano. Insistimos em querer fazer a nossa obra e a do Espírito Santo.

Precisamos de fazer a nossa parte, fielmente, mas deixemos o resto para o Senhor.

O Evangelismo Público e os Mil Dias de Colheita

ALCIDES CAMPOLONGO

Esta é a hora em que pastores e obreiros, auxiliados pelos membros da igreja, devem mover o mundo e colher a seara já madura

Este é o tempo de nos levantarmos e resplandecer através de um evangelismo público agressivo, porque a seara está realmente madura e chegou a hora de colher. O famoso comentarista Daniel Webster confessou que: «Se o poder do Evangelho não se fizer sentir no mundo, só podemos esperar imoralidades, corrupção, greves e degradação entre os homens.»

O meu coração comove-se ao contemplar a triste condição do nosso velho mundo e da nossa sociedade. O mundo está-se desmoronando. Os homens e as nações em quem temos posto a nossa confiança estão-nos defraudando. Isto sucede no mundo social e financeiro. Há muitos países grandes e pequenos

que estão na bancarrota. Vivemos numa sociedade enferma e cambaleante. Todos os que vivem no mundo têm problemas.

Como disse o filósofo grego Diógenes no IV século antes de Cristo: «O mundo envelhece piorando.» É o que nós sentimos realmente na carne. Portanto, necessitamos nesta hora de crise mundial, de homens de Deus que preguem a mensagem de salvação e a verdadeira cura a um mundo doente.

A pena inspirada da serva do Senhor, Ellen White, faz-nos a seguinte advertência: «Os juízos divinos estão para abater-se sobre o mundo, e precisamos de estar-nos preparando para esse grande dia.

«O nosso tempo é precioso. Não temos senão poucos, pouquíssimos dias de graça para preparar-nos para a vida futura, imortal.» — *Testemunhos Seleccionados*, vol. 3, pág. 14.

Como co-obreiros do Senhor,

devemos despertar e como o profeta Zacarias «pedir ao Senhor a chuva serôdia, no tempo da chuva serôdia» e avançar com o poder dessa chuva, através de um programa evangelístico, para a salvação de milhares de almas sinceras que ainda estão nas trevas do pecado por desconhcerem o plano da redenção.

Uma das maiores preocupações dos pioneiros desta Causa era a evangelização do mundo e o preparo da humanidade para o encontro com Jesus Cristo. A Irmã White permanentemente confessava que Deus despertaria no mundo homens que teriam a intrepidez de João Baptista para dizer a verdade e canalizar para Cristo os sinceros que desejam a salvação.

Portanto, esta é a hora em que os pastores e obreiros adventistas, com a cooperação dos membros da igreja, devem mover o mundo, como aconteceu nos dias do profeta Elias. É o tempo da acção conjunta. É a hora do «Evangelismo explosivo!» É o momento de aceitarmos o desafio de baptizar 1 000 almas por dia no mundo, até à próxima sessão da Associação Geral.

Queridos companheiros de ministério, estimados irmãos no ideal da cruz: é tempo de irmos para a Pátria celestial. É tempo de redobrar os nossos esforços na evangelização do mundo. É tempo de fazer planos mais amplos para o progresso da Causa de Deus e pela terminação da Sua Obra na Terra.

Temos um alvo de fé, de baptizarmos 1 000 almas por dia no mundo. Sem dúvida, Deus honrará e abençoará a nossa fé e o nosso trabalho. Devemos pedir ferventemente o poder do Espírito Santo para alcançar esse objectivo. Diz o profeta Zacarias, no seu livro inspirado, capítulo 4, versículo 6, última parte: «Não por força nem por poder, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.»

Com a colaboração e trabalho de todos no evangelismo público, com séries de conferências e estudos bíblicos, e com o poder do Espírito Santo para esclarecer a verdade, chegaremos à meta de 1 000 almas por dia, ganhas para a verdade. Começamos desde já um reavivamento espiritual nas nossas igrejas e roguemos ao Senhor Deus que nos dê o espírito evangelístico do Pentecostes, e um novo poder de disposição para realizar uma cruzada evangelística num novo lugar, cidade ou bairro.

Oxalá pastores e obreiros assalariados pela Obra, bem como membros baptizados das nossas igrejas, possam dar as mãos bem unidas na pregação do evangelho, e juntos ultrapassarmos o alvo proposto, a fim de vermos mais de um milhão de novos adventistas no mundo agregados à igreja verdadeira, que aguarda o breve retorno de Jesus Cristo à Terra.

Dilectos irmãos, tenhamos em mente que nunca tocamos os recursos de Deus até que intentemos o impossível. Sou pela terminação da Obra.

ALCIDES CAMPOLONGO

Secretário Ministerial e Departamental de Evangelismo da União Sul-Brasileira

II. A Graça e a Lei no Pentateuco

ARMANDO A. COTTIM

Definido o conceito de lei, torna-se indispensável que façamos o mesmo quanto ao conceito de graça. As palavras de Robert B. Girdlestone parecem ser suficientemente claras para que possamos partir para o nosso estudo com uma definição. Diz ele: «Graça é a concessão gratuita da bondade para com alguém que não tem direito a reclamar a nossa liberalidade, nem possui compensação adequada para a mesma.»¹

Esta demonstração gratuita de bondade não é uma qualidade abstrata, mas um princípio pessoal activo, que se torna claro na actuação quotidiana do doador para com os que o rodeiam.²

Sendo a Bíblia, no seu todo, o livro da graça de Deus, é de esperar que o Pentateuco apresente, já, tais demonstrações vivas desse princípio activo.

Para efeitos deste estudo, começaremos por examinar, ao longo do Pentateuco, alguns episódios fundamentais em que Deus entra directamente na história da Humanidade, de forma a observarmos a Sua actuação para com o ser humano. Consideraremos, em seguida a relação Deus-Homem, para depois estudarmos, com brevidade, a relação Homem-Lei.

Atingiremos, desta forma, uma melhor compreensão do binómio *graça-lei* tal como é apresentado no Pentateuco.

* * *

A primeira entrada de Deus na história do Homem é o momento da criação.⁴ Deus cria o Homem, fá-lo existir, sem outra razão que não seja o amor pela criatura criada. A inferioridade da criatura em relação ao Criador é notória; a

criatura nada pode fazer em favor do Criador.

Sem que se mencione a palavra *pacto*, o conceito existe. O Homem cria um companheirismo respeitoso com o seu Criador.⁵ Neste contexto, Deus apresenta a condição de manutenção dentro do pacto,⁶ condição essa a que podemos dar o nome de lei (*torah*).

Outro exemplo da entrada de Deus na história é o dilúvio.⁷ Querendo destruir toda a impiedade existente sobre a face do planeta, Deus vê-Se forçado a destruir os seres humanos. Noé, porém, era um homem que amava a Deus e desejava fazer a Sua vontade. Desejo fútil de criatura, mas suficiente para que Deus o salvasse da destruição, num acto de amor e graça. Para Noé, este acontecimento salvífico foi como um retorno à criação. Todos os seres humanos destruídos e ele, Noé, vivo; era como nascer uma segunda vez.

A promessa de um *pacto*, feita antes do dilúvio,⁸ torna-se realidade depois deste acontecimento.⁹ A condição de manutenção dentro dos limites do pacto é subtilmente apresentada: eles devem crer que Yahweh não mais destruirá a Terra da mesma maneira.¹⁰

Um terceiro exemplo representativo da entrada de Deus na história dos seres humanos, é o Êxodo do povo de Israel,¹¹ acontecimento intensamente vivido durante quarenta anos e cujas implicações são múltiplas.

De novo vemos Deus actuando benevolmente para com os seres humanos, mostrando-lhes a Sua graça, neste caso libertando-os da opressão. Podemos, mais uma vez, dizer que, para aquele povo, a libertação foi como um renascimento, um retorno à criação. Tudo começara de novo. Os Dez Mandamentos foram, então, dados a Israel como condições de

manutenção dentro dos limites do *pacto*.

Vemos, assim, que a doação da Lei é sempre consequência de um acontecimento salvífico que recria o ser humano, colocando-o em posição semelhante à de Adão. A Lei vem sempre na sequência de um acto de graça.

* * *

Yaweh só existe, para os seres humanos, na medida em que Se revela a estes.¹² Os factos antes apontados mostram bem a veracidade desta afirmação. Vemos, também, que foi através de actos salvíficos que Yaweh Se estabeleceu como Deus de Israel.¹³

Criando e re-criando o Homem, Yaweh coloca-Se em posição de estabelecer princípios que guiarão a comunidade por Ele criada, mantendo essa comunidade numa relação de pacto com Ele.¹⁴

A Lei, estando ao serviço da Humanidade, insiste sobre o facto de o ser humano depender inteiramente do invisível, de Deus.¹⁵ Esta dependência leva-nos a compreender que, qualquer desrespeito pelas normas apontadas na lei, obriga o Homem a responder diante do próprio Deus.¹⁶

* * *

Atingido este ponto, vemo-nos forçados a lembrar que esse Deus diante do qual o ser humano é chamado a responder, é o mesmo que dera a Lei na sequência de um acto salvador, de um acto de graça. Completa-se, assim, o círculo: a graça salvadora revela a lei; o desrespeito pela lei devolve o Homem à graça salvadora, enquanto o respeito à lei o mantém no reino da graça. «A Lei, pois,» diz Ernest F. Kevan, «está sempre a favor do homem, ao seu lado, e é essencial à sua verdadeira liberdade.»¹⁷

ARMANDO A. COTTIM

Pastor da Igreja de Arganil

A Lei — que definimos como sendo uma linha-guia de conduta para seres humanos salvos pela graça¹⁸ — mostra-se, assim, na sua origem, como sendo «santa, justa e boa» cabendo ao Homem a responsabilidade de a ter prevertido, tornando-a, nominalmente, «num sistema de auto-justificação.»¹⁷

Quando consideramos a Lei como definição da relação Deus-Homem, acabamos por concluir que a doação da Lei é um segundo acto de graça, paralelo com o evento salvador que precede essa doação. A Lei perde, assim, a máscara de mera exigência moral, para se tornar numa revelação de vida divina para o povo de Deus; de um fardo intolerável, torna-se dom da graça, sinal do amor providencial de Deus para com o ser humano;²⁰ um Deus que mostra o caminho a seguir para chegar até Ele.

No contexto estudado — o Pentateuco — concluímos que a *graça* e a *lei* são inseparáveis.

O pensamento bíblico primitivo não saberia apresentar a *graça* salvadora de Yaweh, sem a completar com a *lei* disciplinadora do mesmo Yaweh. Seria, também, impossível apresentar a *lei* sem o fazer na sequência de um acto de *graça*.

Graça e *lei* não são, no Pentateuco, conceitos contraditórios, nem podem ser considerados separadamente; são conceitos complementadores, não podendo ser isolados senão com o risco de se fazer um estudo unilateral e cheio de preconceitos.

Referências

1. R. B. Girdlestone, *Synonyms of the Old Testament*, (Grand Rapids, Mich.; Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1978), p. 107
2. Cf. *ibidem*

3. Cf. J. M. Myers, *Grace and Torah*, (Philadelphia; Fortress Press, 1975), p. 1; G. A. F. Knight, *Law and Grace*, (London; SCM Press, 1962), pp. 13ss.

4. Genesis 1:26, 27

5. Cf. Genesis 3:8 onde vislumbramos reminiscências de um hábito de Deus e o Homem passearem juntos, como bons amigos.

6. Génesis 2:16, 17

7. Génesis 6:1 a 9:19

8. Génesis 6:18

9. Génesis 9:1-17

10. Génesis 9:11, 15

11. Exodo 2:1 a 14:31

12. O ser humano nunca conseguiria conhecer o Infinito se não fosse porque Ele Se limita, entrando na dimensão humana. Cf. João 1:1-18

13. Não está em causa a existência de Deus, mas o conhecimento que o ser humano, e em especial o povo de Israel, poderia ter d'Ele. Cf. Genesis 12:1 ss.

14. J. M. Myers, *op. cit.*, p. 14

15. L. Roth, *La Pensée Juive, Facteur de Civilisation*, (Paris; UNESCO 1954), p. 22

16. E. F. Kevan, *La Ley y el Evangelio*, (Barcelona; Ediciones Evangelicas Europeas, 2.ª ed., 1973), p. 43

17. *idem*, p. 47. Compreendemos, assim, muito mais claramente as palavras de Paulo (Romanos 5:20)

18. Cf. J. M. Myers, *op. cit.*, p. 16; P. Fairbairn, *The Revelation of Law in Scripture*, 1869, p. 45, afirmou: «o homem, no princípio, achava-se na lei, mais que sob a lei.» (citado por E. F. Kevan, *op. cit.*, p. 53)

19. G. H. Walfensberger, *The Indispensable Old Testament*, (Amsterdam; Netherlands Bible Society, s.d.), p. 25

20. Cf. E. F. Kevan, *op. cit.*, p. 73 e Joseph Jensen, *God's Word to Israel*, (Boston; Allyn and Bacon, 2nd ed., 1968), p. 122

Ordenação ao Ministério

Manuel Garrido

A Igreja Central de Lisboa estava repleta. No brilho das comemorações alusivas ao 80.º aniversário daquela congregação, o momento enternecedor e solene de mais uma ordenação ao Ministério.

O relevo da presença do Dr. Jean Zurcher no seu apelo bíblico marcadamente pastoral. A vibração dum culto de circunstância. O coro de Setúbal estava lá, mais musical do que nunca!

O passado foi feito presente através das palavras do Pastor e amigo Manuel Cordeiro. Recordemos sucintamente:

Vincadamente nortenho, Manuel Garrido conheceu a Mensagem no seu Porto, em 1966, e selou esse pacto nas águas a 27 de Maio de 1967. Os horizontes de Collonges-sous-Salève foram uma constante na sua vida, e marcá-lo-iam de 1973 a 1977, altura em que respondeu positivamente ao chamado que a Obra lhe dirigiu. Terminava a vida da escola. Começava a escola da vida!

Braga e Delães viram os seus primeiros passos, enquanto que a experiência insular em Ponta Delgada desempenharia um papel fundamental no seu processo formativo. Na Figueira da Foz e Santana, o continuar ...



O novo Pastor, acompanhado pela esposa e filhos

O clímax da cerimónia viria a seguir. As mãos estendidas na solenidade da consagração, com o eco da oração do Pastor Joaquim Morgado, o repto da investidura do Pastor António Maurício, e as boas vindas dadas por aquele que um dia o acolheu no seio da Igreja, o Pastor Fernando Mendes. No ar ficaria a fragrância das flores oferecidas a Ana Rosa, mulher do novo pastor.

«Apesar de tudo o Senhor dirige o Seu povo», diria ele numa breve alocução. «Até aqui valeu a pena!» — palavras com que terminou o seu improvisado.

Felicidades Pastor Garrido!

«Semelhante ao Grão de Mostarda»

E. G. WHITE

Entre a multidão que ouvia os ensinamentos de Jesus, havia muitos fariseus. Cheios de desdém, observavam quão poucos dos Seus ouvintes O reconheciam como o Messias. E perguntavam de si para si como esse mestre desprezencioso poderia elevar Israel ao domínio universal. Como poderia Ele, sem riquezas, poder ou honra, fundar um novo reino? Cristo leu-lhes os pensamentos e respondeu:

«A que assemelharemos o reino de Deus? Ou com que parábola o representaremos?» Em governos terrenos nada havia que pudesse servir de comparação. Nenhuma sociedade civil Lhe podia fornecer um símile. «É como um grão de mostarda», disse «que quando se semeia na terra, é a mais pequena de todas as sementes que há na Terra; mas, tendo sido semeado, cresce; e faz-se a maior de todas as hortaliças, e cria grandes ramos, de tal maneira que as aves do céu podem aninhar-se debaixo da sua sombra» (Mateus 13:31-32).

O embrião, contido na semente, cresce pelo desenvolvimento do princípio vital que Deus nele implantou. O seu desenvolvimento não depende de meios humanos. Assim é com o reino de Cristo. Há uma nova criação. Os princípios de desenvolvimento são directamente opostos aos que regem os reinos deste mundo. Governos terrenos prevalecem pelo emprego da força; pelas armas mantêm o seu domínio, mas o fundador do novo reino é o Príncipe da paz. O Espírito Santo representa os reinos terrestres mediante o símbolo de feras; mas Cristo é «o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo» (João 1:29). No Seu plano de governo não há emprego da força bruta para compelir a consciência. Esperavam os judeus que o reino de Deus fosse estabelecido do mesmo modo que os do mundo. Para promover justiça, recorriam a medidas externas. Forjavam planos e métodos. Mas Cristo implanta um princípio. Implantando a verdade e a justiça, frustra o erro e o pecado.

Ao proferir Jesus esta parábola, a mostardeira podia ser vista perto e longe, erguendo-se sobre a relva e colmos, balouçando os seus galhos levemente no ar. Os pássaros esvoaçavam de galho em galho e chilreavam entre a folhagem. Contudo, a semente de que surgiu essa planta gigantesca, era a menor de todas as sementes. Primeiro, despontou um tenro broto; mas possuía bastante vitalidade, cresceu e floresceu até alcançar o seu actual tamanho. Assim, a princípio, o reino de Cristo parecia humilde e insignificante. Comparado com os reinos terrestres, dir-se-ia ser o menor de todos. O direito de Cristo a ser rei era ridicularizado pelos dominado-

res deste mundo. Todavia, o reino do evangelho possuía vida divina nas poderosas verdades confiadas aos Seus seguidores. E como foi rápido o seu crescimento! Que amplitude de influência! Quando Cristo pronunciou esta parábola, era o novo reino representado apenas por uns camponeses galileus. A Sua pobreza e minoria foram apresentadas repetidamente como motivo pelo qual os homens não se deviam unir a esses pescadores simples que seguiam a Jesus. Mas o grão de mostarda deveria crescer e estender os seus ramos por todo o mundo. Quando passassem os reinos terrestres, cuja glória enchia então os corações, o reino de Cristo perduraria ainda como uma vasta e forte potência.

Assim, a obra da graça no coração é pequena ao princípio. É dita uma palavra, um raio de luz projectado na alma, exercida uma influência que é o início da nova vida; e quem pode medir os resultados?

A parábola do grão de mostarda não só ilustra o crescimento do reino de Cristo, mas, em cada fase do seu desenvolvimento, repete-se a experiência nela apresentada. Para a Sua igreja, em cada geração, Deus tem uma verdade peculiar e um serviço especial. A verdade, oculta aos sábios e entendidos deste mundo, é revelada às criancinhas e aos humildes. Exige sacrifício próprio. Há combates a serem travados e vitórias a serem conquistadas. De início, os seus adeptos são poucos. Pelos grandes do mundo e por uma igreja de espírito mundano são repelidos e desprezados. Vede João Baptista, o precursor de Cristo, sozinho censurando o orgulho e formalismo do povo judeu! Vede os primeiros propugnadores do evangelho na Europa! Obscura e desanimadora parecia a missão de Paulo e Silas, os dois fazedores de tendas, quando, com os companheiros, embarcavam em Troas para Filipos! Vede o «velho Paulo», pregando a Cristo, acorrentado na cidadela dos Césares. Vede as pequenas comunidades de escravos e camponeses em conflito com o paganismo da Roma Imperial. Vede Martinho Lutero, resistindo àquela poderosa igreja que é a obra prima da sabedoria deste mundo. Vede-o mantendo a palavra de Deus contra o imperador e o papa, declarando: «Aqui estou; não posso proceder doutra forma. Deus me auxilie!» Vede João Wesley pregando a Cristo e a Sua justiça em meio do formalismo, da sensualidade e da incredulidade. Vede alguém que, doendo-lhe a miséria do paganismo, roga o privilégio de lhes levar a mensagem do amor de Cristo. Ouvi a resposta do eclesasticismo: «Sente-se, rapaz. Quando Deus quiser converter os pagãos, fá-lo-á sem o meu nem o seu auxílio.»

Os grandes guias do pensamento religioso desta geração anunciam os louvores daqueles que plantaram a semente da verdade há séculos, e erigem-lhe monumentos. Não abandonam muitos esta obra para espezinhar o renovo que hoje em dia desponta da mesma semente? Repete-se o velho clamor: «Nós bem sabemos que Deus falou a Moisés; mas este [Cristo no mensageiro que Ele envia] não sabemos donde é» (João 9:29). Como em épocas primitivas, as verdades especiais para este tempo não se acham com as autoridades eclesiásticas mas com homens e mulheres, que não são demasiado instruídos nem sábios demais para crer a Palavra de Deus.

«Porque, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são

chamados. Mas Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes; e Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são». «Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus» (I Cor. 1:26-28; 2:5).

Nesta última geração, a parábola do grão de mostarda deve alcançar notável e triunfante cumprimento. A pequena semente tornar-se-á uma árvore. A última mensagem de advertência e misericórdia deve ir «a toda a nação e tribo, e língua, e povo» (Apoc. 14:6-14), para «tomar deles um povo para Seu nome» (Actos 15:14; Apoc. 18:1); e a Terra será iluminada por Sua glória.

JOB — poema antigo, história emocionante e mensagem actual

MÁRCIO DIAS GUARDA

Pelo menos no nosso meio essa situação deveria mudar.

O livro de Job é um tesouro de verdades espirituais muito precioso. Apresenta experiências humanas, trata de problemas profundos e expressa grandes realidades. É um livro poético na sua forma, mas isso não significa que seja mero produto da imaginação humana.

Pensa-se que foi escrito por Moisés, contando a história verdadeira de um contemporâneo, enquanto fazia o seu estágio de 40 anos em Midian antes de se tornar o líder dos israelitas na libertação do cativeiro egípcio. Diferentemente do Pentateuco, tem um estilo que convém a um livro poético. Usa, entretanto, muitas expressões que são encontradas nos livros de Moisés e em nenhum outro local da Bíblia. Por exemplo, o título «Todo-Poderoso» («El-Shaddai») é usado 31 vezes em Job e 6 vezes em Génesis, mas

não ocorre em outros livros bíblicos. Também a riqueza vocabular (110 palavras que não se acham no resto do Velho Testamento) e a beleza de algumas figuras de linguagem fazem de Job um livro ímpar. Eis algumas frases muito sonoras: «Salvei-me só com a pele dos meus dentes» (Job 19:20); «Quem abriria as portas do seu rosto?» (Job 41:14); «Os seus olhos são como as pestanas da alva» (Job 41:18).

Tema do Livro

O tema do livro de Job é o velho problema do sofrimento humano: Num mundo criado e mantido por um Deus justo e bom, porque sofrem pessoas boas? A narrativa desenvolve-se em três ciclos de debates com os dramáticos discursos de Job e seus amigos. O último ciclo de discussões fica incompleto, pois os argumentos se acabam; mas o problema não é resolvido, nem com a intromissão de uma outra personagem, um jovem, que tenta dar novo encaminhamento. Só então Deus Se interpõe e fica claro que os patriarcas esta-

vam partindo de premissas incompletas e dados insuficientes. Uma conclusão magnífica estatui a final vindicação de Deus como justo e amorável Criador.

Entre as personagens, Elifaz parece ser o mais velho e o mais sábio, representa a «voz da experiência», e conclui que Job sofre porque pecou. Bildad não tem a mesma cortesia que Elifaz, é a «voz da tradição» e afirma que Job é um hipócrita. Sofar é a «voz da ortodoxia», é dogmático, pois afirma que Job tem que passar pelo sofrimento, já que é um ímpio. Eliú é muito mais jovem e entra na discussão aceitando que os outros foram bons juízes da situação, mas ele pretendia ser um irmão de Job. Defendeu que o sofrimento de Job teve carácter educativo.

«A mensagem de Job é apropriada ao leitor moderno. Fala de sofrimento intenso e não explicado numa época que experimentou Auschwitz, Hiroshima e Vietnam. Clama contra as injustiças e iniquidades da vida numa época de motins, explosões e incêndios. Protesta contra respostas superficiais e inadequadas a questões funda-

MÁRCIO DIAS GUARDA

Pastor do distrito de Vila Matilde,
São Paulo

O Carteiro

EDNA MAY OLSEN

Joãozinho viu o carteiro no fim da rua e correu para ele.

— Olá, Sr. Carteiro, cumprimentou-o Joãozinho. Tem algumas cartas para nós, hoje?

— Bem, não sei, respondeu o homem, mas saberei quando chegar à tua casa.

Joãozinho caminhou com o seu novo amigo, esperando em cada caixa do correio enquanto ele punha cartas e postais. Reparou que as pessoas ficavam muito felizes quando recebiam correio.

— Gosta de ser carteiro?, perguntou o Joãozinho.

Sim, gosto muito, respondeu o seu amigo. Conheço todas as pessoas simpáticas no meu trajeto. Elas falam-me das suas famílias e onde foram passar as suas férias, e eu trago-lhes postais e presentes para o Natal e aniversários.

Quando chegaram a casa do Joãozinho, o carteiro descobriu que tinha uma carta de Nova Iorque e um postal da Califórnia para eles. A mãe do Joãozinho ficou muito contente ao receber o correio.

— O postal é da avó, explicou ela ao Joãozinho, e a carta é duma grande amiga minha.

— Eu quero ser carteiro quando crescer, disse Joãozinho, porque ele traz boas notícias às pessoas e elas ficam muito contentes. E eu gostaria de fazer isso.

— Sei como podes levar boas notícias às pessoas e torná-las felizes agora mesmo, disse a mãe do Joãozinho com um sorriso. Tu podes dizer-lhes que JESUS AS AMA E VAI VOLTAR EM BREVE.

— Tenho a certeza de que será muito melhor do que ser carteiro. E posso começar JÁ!

Traduzido por
Isabel Nobre Cordeiro
da Adventist Review,
de 10 de Junho de 1982



mentais ... Job repete a busca de um designio e oferece uma solução.» — *Ralph L. Smith.*

Lições Secundárias

Além do tema central, o livro lança luz sobre muitos assuntos, que são aprofundados nos demais livros da Bíblia, como: a personalidade de Satanás (Job 1 e 2); a brevidade da vida (Job 14); a vinda do Redentor (Job 33:19-30); a ressurreição e a vida posterior (Job 19:25-27); a presença, força, providência e perfeição de Deus (Job 38-42).

Paralelismo entre Job e Cristo

De certa forma, Job foi um tipo de Cristo em Seus sofrimentos e constitui uma ilustração do conflito entre Cristo e Satanás.

A irmã White disse: «Satanás, o autor do pecado e de todas as suas consequências, levava os homens a considerarem a doença e a morte como procedentes de Deus — como castigos arbitrariamente infligidos por causa do pecado. ...

«Assim estava preparado o caminhar para os judeus rejeitarem a Jesus. ...

«Deus dera uma lição destinada a evitar isso. A história de Job mostrara que o sofrimento é infligido por Satanás, mas Deus predomina sobre ele para fins misericordiosos. ... O mesmo erro pelo qual Deus reprovava os amigos de Job, repetiu-se nos judeus em sua rejeição de Cristo.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 354.

Os Sofrimentos de Job como ilustração do Povo de Deus

«Satanás mergulhará então os habitantes da Terra em uma grande angústia final. ...

«O povo de Deus será então imerso naquelas cenas de aflição e angústia descritas pelo profeta como o tempo de angústia de Jacó. ...

«Acusando Satanás o povo de Deus por causa de seus pecados, o Senhor lhe permite que os prove até o último ponto.» — *O Grande Conflito*, págs. 613, 614 e 617.

Disse alguém que «tanto Deus

como Satanás 'apostaram' em Job». Da mesma forma será privilégio do povo de Deus nos dias finais sofrer difamação e acusações de Satanás, mas participar da vindicação de Deus diante de todo o Universo.

Os Lucros do Sofrimento

Em Job 5:17, 18 e 23:10 há referências ao sofrimento como agente para aproximação de Deus. «Aflições, cruces, tentações, adversidades e nossas várias provas, são os agentes divinos para nos purificar, santificar e preparar para o celeiro celeste.» — *Testemunhos Selectos*, vol. 1, pág. 313.

Embora Job fosse antes um homem justo, é indubitável que, após a sua experiência, se tenha tornado mais rico de graças espirituais.

«Os assaltos de Satanás são cruéis e decididos, os seus enganos, terríveis; mas os olhos do Senhor estão sobre o Seu povo, e o Seu ouvido escuta-lhes os clamores. A sua aflição é grande, as chamas da fornalha parecem prestes a consumi-los; mas Aquele que os refina e purifica, os apresentará como ouro provado no fogo. O amor de Deus para com os Seus filhos durante o período de sua mais intensa prova, é tão forte e terno como nos dias da sua mais radiante prosperidade; mas é necessário passarem pela fornalha de fogo; a sua natureza terrena deve ser consumida para que a imagem de Cristo possa reflectir-se perfeitamente.» — *O Grande Conflito*, págs. 619 e 620.

Conclusão

Antes da crise, Job esteve obtendo e armazenando evidências do amor de Deus, de tal forma que pudesse sobreviver quando elas não mais estivessem disponíveis. O mesmo devemos fazer nós, nesta época de calma e abundância, estudando a Bíblia e particularmente o livro de Job, recolhendo e guardando evidências do amor de Deus para os magros e escuros dias futuros que já divísamos. Estudemos Job.

Distribuição de Literatura

JOSÉ CARLOS COSTA

Quando lemos a Sagrada Escritura (particularmente o Novo Testamento), apercebemo-nos imediatamente de que a tarefa de Evangelização não foi dada exclusivamente aos apóstolos, mas a todos os que aceitam a Jesus como Senhor e Salvador. Partindo deste princípio, podemos dizer que a Evangelização é tarefa de todos; pastores, membros de Igreja, sejam eles homens ou mulheres, velhos ou novos. Levar o Evangelho é o chamado dos que caminham pelo caminho da Salvação aos que caminham por outros caminhos.

Este chamado é feito de diversas formas: Conferências, estudos bíblicos, visitação, colportagem, Difusores Evangélicos, etc. Há uma que todos podemos fazer e que tanto temos negligenciado, a *distribuição de literatura*. Ela é uma forma por excelência de testemunhar do Salvador.

Onde podemos realizar esta missão?

1. No Trabalho

O nosso local de trabalho é um bom lugar para oferecermos a nossa literatura, sobretudo porque é um grupo fixo e que nos conhece.

Tenho diante de mim o livro *Evangelismo*, da irmã E. White, e leio, na página 412, o seguinte: «Acham-se perto anjos de Deus para gravar-lhe no coração a palavra não falada, ...»

É claro que não devemos todos os dias oferecer literatura às mesmas pessoas, mas de vez em quando oferecer um folheto ou uma revista. Também não é aconselhável fazê-lo durante as horas de trabalho. Podemos e devemos aproveitar a hora do almoço ou outros intervalos.

Ao oferecer a literatura, será bom dizer: «Este folheto é especial, tem uma mensagem confortadora.»

Foi lançado pelo Departamento de Publicações o plano dos Difusores Evangélicos, que é um trabalho que visa levar junto das pessoas a nossa mensagem através de livros de Saúde, Educação e de carácter espiritual; será bom estar alerta para colocarmos estes livros nas mãos dos nossos colegas de trabalho.

2. Nas Ruas

São tantas as vezes que temos de passar nesse lugar público, as ruas. As ruas são um mundo de pessoas distraídas, pessoas cheias de problemas, pessoas que apesar de se encontra-

rem rodeadas de tanta gente, estão sós. Pessoas por quem Jesus morreu, a quem o Senhor convida: «Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei.» — Mateus 11:28.

Sempre que possível, deveríamos levar folhetos na mala, nos bolsos. Há irmãos que têm um bolso só para folhetos; é uma ideia maravilhosa.

Ao entregar o folheto, poderemos dizer: «Quer aceitar por favor este folheto? — É de graça.

São poucas as pessoas que recusarão uma oferta feita desta maneira.

3. Nos Meios de Transporte

Naturalmente que não é fácil num autocarro cheio de gente oferecer um folheto. Mas quando nos sentamos ao lado de um companheiro de viagem há sempre uma possibilidade de deixar nas suas mãos o convite do céu.

Os comboios e autocarros de longo curso oferecem-nos oportunidades excelentes para este tipo de trabalho. Cito mais uma passagem do livro já acima referido, *Evangelismo*, pág. 160: «Muitíssimo mais poderia fazer o pregador (o mensageiro) vivo, mediante a distribuição de revistas e folhetos do que somente com a pregação da Palavra sem as publicações... *Muitas mentes não podem ser atingidas de outra maneira*. Isso constitui verdadeira obra missionária em que, com os melhores resultados, podem ser empregados trabalho e meios.»

4. Nas Férias

As férias é um período dedicado à recuperação das energias físicas. É a altura de recarregarmos as nossas baterias nervosas. Mas é também um período que podemos aproveitar para distribuir a semente de Deus.

Reservemos na nossa bagagem um lugar para levar folhetos e revistas. Distribuamos às pessoas com quem entramos em contacto, nos parques, nas praias, nos hotéis ou na pensão. Perdemos tantas oportunidades de ajudar os outros a alcançar a eternidade!

5. Aos vizinhos

«Meus irmãos e irmãs, há em vossa vizinhança almas que se fossem prudentemente trabalhadas, se converteriam.» — *Evangelismo*, pág. 114.

Que dizer do trabalho que podemos realizar com os nossos vizinhos?

Penso que para esta pergunta, há muitas respostas. Sejam simplesmente *Distribuidores da Literatura que Salva!*

JOSÉ CARLOS COSTA

Departamental dos Jovens e Actividades Leigas

NOTÍCIAS

do campo

Mais uma Igreja Adventista em perspectiva

ALPENDURADA é uma pequena vila que fica situada no distrito do Porto e no concelho de Marco de Canaveses. Para se alcançar esta localidade, quando se viaja do Porto temos de percorrer cerca de 70 quilómetros serpenteando por uma estrada turística que acompanha o Rio Douro.

Em termos de condições materiais Alpendurada é certamente o lugar mais pobre que os adventistas têm para pregar a Mensagem; referimo-nos ao lugar de culto. Não conheço em qualquer parte do país e muito menos na Europa que haja uma situação tão tosca, desagradável e nada convidativa como a sala onde pregaríamos o Evangelho em Alpendurada. Apesar disso reúnem-se ali alguns irmãos que chegam a atingir um número perto da quinquena. Ultimamente temos algumas visitas a maioria das quais são jovens.

Com o apoio da União, da Igreja de Oliveira do Douro — Igreja Mãe — e dos crentes e amigos naquela localidade resolvemos pôr mãos à obra. Juntámos algum dinheiro, muito pouco — cerca de 100 contos. Mas o que falta em dinheiro sobeja em entusiasmo e boa vontade. Comprámos um terreno há cerca de um ano. Fizemos um projecto com todas as condições e exigências oficiais. Submetêmo-lo à aprovação da Câmara Municipal. Que não, que não podíamos construir, que mais isto e mais aquilo. Diversas vezes nos dirigimos à Câmara e todos os contactos iam-se mostrando infrutíferos. Ah, talvez fosse o Padre que estivesse por trás da recusa contínua que nos era feita. Pois bem, vamos falar com o Padre. «Não, não contem comigo, não apoiarei tal plano». O desespero ia começando a aproximar-se. Finalmente comparecemos perante uma sessão da Câmara, o Ir. Euclides que orienta o grupo ali, o Pastor Rogério Nóbrega e eu próprio. Explicámos de novo quem éramos, o que queríamos e para que queríamos. A maioria dos vereadores estava renitente. Nada feito. Ainda ouvi o presidente dizer: Este é o último passo que vamos dar. Depois disso não voltem mais. Não nos façam perder o nosso tempo e não percam o vosso. Vou seguir a Lei. Vou enviar um edital a todas as pessoas que vivem perto do local onde querem construir a vossa igreja. Se todos concordarem que construam, então construíreis. Mas basta que um deles não concorde e não podereis construir. (Então e a democracia? Ali não há democracia nestes casos pontuais — é o império da lei).

Após ter saído o edital, não uma mas três pessoas notificaram que *não queriam* que se construísse a Igreja. Parecia que

tudo estava perdido. Mas alguns dias depois deram-se modificações e substituições na vereação — no centro de decisão, e, espectacularmente, foi concedida licença para construir a Igreja.

Quem teria a fé para dizer que tal coisa iria acontecer?

Nenhum de nós a teria por certo.

Mas das mais negras sombras surgiu, mesmo no derradeiro instante — a luz mais brilhante, a luz que nos indica o caminho da coragem, da dedicação e do sacrifício para construirmos, ali no coração do Douro, uma Casa ao Senhor. E quem sabe se outro milagre não acontecerá: alguém que leia estas linhas lembrando-se de ser generoso para com aquela terra, e para com aquele povo pobre e tão necessitado.

J. M. Matos

28532 — Telemensagem na Figueira da Foz

A técnica está de novo ao serviço do Evangelho!

Esperamos que o antendedor/gravador de chamadas telefónicas Centrel CA-80 possibilite a nível local um novo tipo de trabalho bem diverso e profícuo.

Mais um motivo de regozijo e fé se encontra diante de nós!

Quando ... necessitar de ânimo, paz ou esperança, ligue Telemensagem 033-28532. O Telefone ao serviço da paz.

A Mensagem através da telemensagem.

Manuel Magalhães Garrido
Pastor da Igreja da Figueira da Foz

Novas Salas

Rio Maior:

Rua Mariano de Carvalho, 11
RIO MAIOR

Vila Real de Trás os Montes:

Avenida D. Dinis, 26
VILA REAL

Notícias de Arganil

Foram 97, salvo erro, aqueles que visitaram Arganil para passar os dias 9 e 10 de Março com os **Desbravadores da Colher de Pau**.

Entre os visitantes, o líder nacional, pastor José Carlos Costa, e um enorme grupo, vindo do Porto e de Canelas, liderado pela Carolina, o Zé Pedro e o Sérgio Reis, apoiados pelo incansável Sr. Guedes.

Na sala, graciosamente cedida pela Casa do Povo de Arganil, tivemos, no Sábado de manhã, uma Escola Sabatina animada, cuja lição esteve a cargo do obreiro local, seguida do culto, no qual o pastor Costa nos falou da volta de Cristo como sua preocupação principal.

À tarde, investidas de 8 tições e 3 desbravadores, com a participação de jovens de várias igrejas.

Três momentos de despedida, nessa tarde, ao obreiro local: (1) o tradicional elogio, feito pelo pastor Costa, (2) a oferta, por dois jovens do Porto (o Carlitos e a Irene Paula) de um poster dizendo «A amizade é a biblioteca do coração» e (3) a oferta, feita pelo clube local, da tradicional colher de pau, assinada pelos desbravadores de Arganil.

No domingo, desporto e despedidas, culminaram um fim de semana bem passado.

Armando A. Cottim
Pastor da Igreja de Arganil

Delegados à Conferência-Geral

de 27 de Junho a 7 de Julho / 85

O Conselho da União escolheu como Delegados da União Portuguesa à Sessão da Conferência-Geral, que terá lugar de 27 de Junho a 7 de Julho, os seguintes irmãos:

Joaquim Morgado
Presidente da União

Alberto Nunes
Pastor das Igrejas de Santa-rém, S. João da Ribeira e Aveiras de Cima

Horácio Caprichoso
Director do Colégio Adventista de Lisboa

Aguardando a Ressurreição

Pastor Adelino Nunes Diogo



Adormeceu serenamente em Espinho no dia 9 de Março de 1985 e, como desejava, num dia de Sábado (o dia de repouso), com 68 anos. Também conforme o seu desejo, veio a ser o seu corpo depositado na igreja de Espinho que tanto amava, pois aqui desempenhou com dedicação e amor, grande parte do seu ministério.

O pastor Adelino Nunes Diogo nasceu a 22 de Março de 1917 na freguesia de Fatela, concelho do Fundão. De muito novo, foi trabalhar para Lisboa. Sendo chamado a prestar serviço militar, foi para os Açores como enfermeiro, e ali conheceu a sua esposa, nossa irmã Almerinda da Conceição Diogo. Deste matrimónio nasceram dois filhos: Marília e Carlos Alberto. Abraçou a fé de Cristo, juntamente com a esposa, em 1948, através do pastor Raúl Meneses. Alguns anos depois ingressou na Organização Adventista como Colportor Evangelista. Mais tarde, ainda, foi convidado a entrar para o Ministério da Igreja. Desempenhou sempre este trabalho com toda a sua força e entusiasmo, conquistando muitos amigos e muitas almas para Cristo, com toda a simpatia que o caracterizava.

Trabalhou em muitas igrejas desde os Açores até à Madeira, passando por Cabo Verde, Portalegre, Almada, Seixal, Tomar e finalmente, Espinho e Oliveira de Azeiteiros.

O funeral realizou-se no domingo, dia 10 de Março, pelas 16h00. Foi um lindo dia de sol primaveril, lembrando-nos assim o dia radiante da Ressurreição.

A cerimónia religiosa decorreu na Igreja Adventista de Espinho, que se encontrava repleta de crentes, amigos e familiares. A mensagem de conforto, extraída das Sagradas Escrituras, foi apresentada pelo pastor Joaquim Morgado. Para além do pastor local, encontravam-se outros quatro pastores da área norte que também tomaram parte activa na cerimónia fúnebre.

A urna foi transportada, alternadamente, para o cemitério de Espinho, por

jovens, familiares, pastores e outros. Ali, o nosso irmão pastor foi depositado para descansar de todas as suas fadigas e sofrimentos até à volta de Jesus.

Possa a bendita esperança da Ressurreição confortar especialmente os corações da nossa irmã Almerinda, da Marília, do Carlos Alberto, dos seus netos e demais familiares. Estes são os desejos sinceros de toda a irmandade Adventista, especialmente daqueles que de mais perto o conheceram e com ele conviveram e trabalharam.

Carlos Nobre Cordeiro
Pastor da Igreja de Espinho

Álvaro da Conceição de Jesus

No dia 16 de Janeiro, no cemitério de Portalegre, após o pastor da igreja, Mário Cabral, ter dirigido e proferido as circunstâncias palavras ao acto, foi deposto na sepultura, respousando das fadigas duma abençoada vida de actividade missionária, aguardando a Volta de Jesus, seu Salvador, um dos mais zelosos e activos membros da igreja da Comenda, Álvaro da Conceição de Jesus.

O nosso irmão foi transportado de urgência, para o Hospital Distrital de Portalegre, após um acidente vascular cerebral que o vitimou horas depois de ali ter dado entrada.

Tinha 70 anos de idade, e aceitara a Mensagem juntamente com a esposa, tendo sido baptizado em 7 de Junho de 1959.

Era de um carácter muito comunicativo, e tinha, por hábito, sair, juntamente com sua esposa, no seu automóvel, levando consigo: Bíblias, folhetos, revistas que distribuía nas povoações que visitava. Procurava sempre dar testemunho da sua fé, anunciando às pessoas a breve Vinda de Jesus.

Muitas portas abriu, onde tivemos a oportunidade de dar estudos bíblicos e preparar almas interessadas para o baptismo.

Na igreja de Portalegre, temos alguns

membros que conheceram a mensagem, e foram baptizados, como testemunho do zelo e abençoado trabalho deste servo de Deus.

O nosso irmão repousa agora, dormindo em Jesus, o seu sono até ao grande dia da Ressurreição, e nós repetimos aqui as palavras do apóstolo Paulo: «Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com Ele.» I Tes. 4:14.



Partilhemos da triste provação que veio ferir a nossa irmã Lurdes e pedimos que a ampare na sua grande dor, e a todos nos ajude, a permanecer fiéis, para o grande encontro na casa do Pai.

Manuel Lourinho

Manuel Maria Jorge

Era uma vez um bom velhinho, muito crente, que vivia só.

Sofria muito, sem descanso, mas, tinha sempre uma palavra de ânimo e de fé. Todos ouviam com respeito a experiência das suas quase 88 primaveras.

Há mais de três décadas o continente sul-americano acolheu-o para lhe dar a conhecer a Cristo. O encontro com as águas deu-se a 1.11.1952, em longínquas terras de Santa Cruz. O retorno à terra natal deu-se em 1960, tendo sido o núcleo adventista da Figueira da Foz que lhe deu as boas-vindas.

Bruscamente, o desenlace, a paragem a 11.3.1985. A intervenção divina era um facto.

Era uma vez um bom velhinho, muito crente, que deixava de sofrer e de estar só. Agora, no derradeiro descanso teria a companhia daqueles que aguardam a «bem-aventurada esperança».

Manuel Magalhães Garrido
Pastor da Igreja da Figueira da Foz

OPERAÇÃO INTERCESSÃO — 2.º Trimestre/85

Temas para Oração

Da Divisão Euro-Africana

1000 Dias de Colheita

Todos os programas de Rádio e as pessoas alcançadas por esses programas

A nossa Obra na Checoslováquia

População: 15 314 000; Membros de Igreja: 7 643; Igrejas: 168

Da União Portuguesa

Trabalho no Porto Santo

Juventude das nossas Igrejas e Escolas

Notícias de Joanesburgo

D. Luísa vivia infeliz. A sua vida tinha-se tornado um tormento. Graves problemas familiares e de saúde tinham-na atirado, qual batel em mar tempestuoso, de um lado para o outro, em busca de socorro. Quantas igrejas ela percorreu, católicas, pentecostais, etc., em busca de refúgio e paz, de um lenitivo para a sua angústia, mas em vão. Como ela diz, entrava vazia e saía vazia.

O sofrimento moral, devido à detenção do seu único filho numa prisão em Portugal, fazia com que a sua saúde cada vez se deteriorasse mais e só tomando oito ou nove comprimidos por dia conseguia dormir um pouco. Os alicerces do seu lar foram abalados a ponto de querer deixar o marido em Johannesburg e voltar sozinha para Portugal. Por fim, para agravar a situação, recorreu a sessões espíritas.

Até que, certo dia, uma vizinha (católica) vendo o seu sofrimento e desespero, deu-lhe um conselho: «D. Luísa, deixe essas sessões, vá ter com a D. Prazeres (esposa do Ancião da nossa Igreja) e faça o que ela lhe disser. Ela vai ler-lhe a Bíblia, vai orar por si e verá que vai melhorar.» Ela assim fez. Bendita hora! A primeira coisa que a nossa Irmã lhe disse foi: «Não vá mais a essas reuniões, vamos orar por si, aqui e na igreja, vai ver que Deus a ajudará.» E, durante mais de duas semanas, a nossa Irmã Prazeres Leal, após um dia exaustivo de trabalho na fábrica, esquecendo o trabalho que a esperava em casa, ocupava-se a ajudar esta alma tão necessitada. Lia-lhe a Palavra de Deus, orava com ela, animava-a e logo a levou à reunião de oração. A paz voltou ao coração da D. Luísa. A fé nas promessas de Deus tomou o lugar do desespero. Não mais precisou de comprimidos para dormir. Na Igreja, o ministério da intercessão agiu em seu favor, do seu marido e do seu filho. O seu lar voltou a ser um lar feliz, embora se projecte nele ainda a sombra do filho ausente e privado de liberdade. Contudo, uma esperança se vis-

lumbra, porque ela ora e confia que o Senhor fará com o seu filho o mesmo milagre que fez com ela. Ele já está sentindo os eflúvios da graça divina. A acção do Espírito Santo, do ministério dedicado do Pastor A. Gameiro e da Palavra de Deus, estão transformando aquele coração. O nosso Ancião Gilberto Leal que, juntamente com sua Esposa têm sido de uma dedicação notável por esta família, visitou há pouco este jovem na sua reclusão e regressou muito animado com o que observou. Oremos para que o Senhor complete nele a obra começada que, ao sair daquela prisão como homem livre, saia mais livre na plena liberdade em Cristo.

D. Luísa é agora nossa Irmã na fé. Entregou a sua vida a Jesus pelo baptismo no dia 13 de Outubro. Nesta mesma sessão de baptismos foi também baptizada uma jovem mamã que ouviu a mensagem adventista, pela primeira vez, há 18 anos, através da rádio, em Angola, juntando-se-lhes ainda mais 6 jovens. Três destes jovens são irmãos, sendo 2 rapazes gémeos. Foi uma alegria vê-los juntos no baptistério. A Igreja de Malvern estava mais uma vez em festa. A sala estava cheia com membros e visitas. E mais uma vez os anjos tangeram as suas harpas, pois «há alegria nos Céus, por um pecador que se arrepende...».

Foram já 16 almas que pela graça do Senhor se baptizaram em 1984, e entre elas destacamos com alegria 12 jovens, pois eles são o futuro da Igreja. Ao apelo do Pastor Ribeiro, mais algumas pessoas se dirigiram à frente atendendo ao chamado do Mestre, entre elas o marido da D. Luísa, enquanto o Tenor Manuel Escórcio, na sua maravilhosa voz enaltecia a Deus no hino «Quão Grande És Tu, Senhor!» Dentro do plano dos MIL DIAS DE COLHEITA, o dia 13 de Outubro foi destinado a baptismos em todas as igrejas da África do Sul. Regozijamo-nos com estas vitórias e louvamos a Deus por elas.

Tivemos o prazer de ter connosco, nesta cerimónia, o Pastor J. de Burgo, da Igreja Portuguesa de Turffontein, e alguns irmãos.

A seguir à cerimónia, procedeu-se a um programa de investidura de jovens nas Classes Progressivas, que teve a presidência o Pastor Sterley, Departamental dos Jovens da Conferência do Transvaal. Foram investidos 13 jovens em diversas classes.

A Igreja Portuguesa de Malvern está animada, e nós também. O Senhor tem sido Maravilhoso, e nós o bendizemos!

Irene Ribeiro
Secretária da Igreja de Malvern



*8 baptismos
na igreja de
Malvern*



*Batismo da
irmã Luísa*

Rápido crescimento da Igreja em Espanha

No dia 30 de Junho de 1984 foi baptizada uma jovem de 18 anos, Irene Sanchez, que é o 5000.º membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Espanha.

Nesse mesmo dia — fim do 2.º trimestre do corrente ano, a União de Espanha fechou o seu relatório com 5.021 membros. Há 5 anos as estatísticas referiam 4.093, o que dá um crescimento de 928 membros, ou seja 22,6 % de ganho no último quinquénio (cerca de 4,5% por ano).

Proibição do Boxe?

É-nos grato comunicar aos leitores da *Revista Adventista* uma notícia que esperamos lhes seja agradável.

O Prof. Brégeat, reconhecida autoridade médica em França, apresentou à Academia Francesa de Medicina um comunicado no qual solicita a proibição do boxe profissional. A Academia adoptou-o por unanimidade e vai apresentá-lo aos Poderes Públicos da Nação.

O motivo principal desta proposta não constitui qualquer mistério. Desde 1945 até agora (1984) houve 341 mortes no ringue de boxe. Mas, além do acidente mortal, há outros que se produzem, com maior frequência, num número considerável de indivíduos. Tais são: feridas nos sobrolhos, fracturas dos dentes, dos maxilares, das costelas e dos escafoides (ossos internos do pulso); as lesões vasculares agudas do cérebro e o temível hematoma estradorsal, as lesões oculares e do encéfalo, por mais graves ainda, bem merecem ser destacadas.

Entre as possíveis lesões oculares, há que citar o hematoma orbitário, as erosões da córnea, as cataratas e, sobretudo, a deslocação da retina que, se for bilateral, pode conduzir à cegueira. Em 103 dos 143 casos de lesões oculares apresentados pela Associação Médica Britânica tratava-se, precisamente, deste último perigoso acidente.

Mas a nós, como homens e como Adventistas, as lesões que mais nos interessam são as que dão lugar à encefalopatia crónica do praticante de boxe, consequência das alterações materiais (da matéria) que se produzem no cérebro como consequência de golpes na cabeça. Estas alterações cerebrais são evidentes em 17% dos que praticam esse desporto ou exerceram essa profissão durante 6 a 9 anos. E destes, 33% apresentavam sinais de encefalopatia crónica. Mas, antes de descrevê-los, vamos referir, nem que seja sumariamente, certa terminologia relacionada com o boxe.

O termo «Knocked Out», K.O., que corresponde a uma perda transitória de conhecimento, é pronunciado pelo árbitro quando o pugilista que foi derribado por um golpe, «Knocked Down», K.D., permanece no solo durante dez ou mais segundos. O «Punch Drunk», P.D., é uma espécie de K.O. sem queda nem perda de consciência, durante o qual o pugilista que sofre fica ébrio e incapaz de se defender, compreendendo-se os graves perigos que tal situação acarreta.

O síndrome da encefalopatia crónica do pugilista parece dever-se, mais do que ao número de K.O., ao número de combates disputados e ao número de golpes recebidos. Caracteriza-se por perda de memória e da capacidade de elaboração do pensamento, desorientação e desequilíbrio. Quer dizer, esse pugilista encontra-

-se em condições físicas e psíquicas de inferioridade em relação aos outros. Além disso, trata-se, geralmente, de indivíduos que têm de continuar a lutar, dado que não sabem fazer mais nada, e acabam, frequentemente, a sua triste carreira fazendo de sacos móveis, «sparring partners», como são chamados na glória profissional, para treino de outros pugilistas mais afortunados.

E é este drama humano, a deterioração das funções superiores do homem — aquelas que o definem como tal e que fazem dele um ser à imagem do Criador — o que mais nos dói.

Já era tempo que alguém se levantasse contra estas tristes realidades que acusam e envergonham a sociedade que as consente.

E foi isto o que o Prof. Brégeat fez ao apresentar o seu relatório e petição à Academia de Medicina e esta, por unanimidade, ao passá-lo para a competência do Governo.

Não podemos deixar de nos congratular com estas iniciativas e projectos. Triunfarão? Não triunfarão? Ignoramos. Mas, na pior das hipóteses, ajudarão, sem dúvida, a criar uma mentalidade de repúdio que consideramos necessária e fundamental.

Dr. I. Aguilar — Mompilher, França
[Médico Adventista, autor do livro
A Mãe e a Criança]

Nova igreja em Badajoz

Foi organizada uma nova igreja em Badajoz, em 14 de Julho de 1984. A igreja de Badajoz — cidade espanhola, perto da fronteira portuguesa — tem 42 membros, 28 dos quais foram recentemente baptizados como resultado da campanha de evangelização dirigida pelo Pastor Juan Lozano e uma equipa de obreiros e colportores evangelistas.

No mesmo dia da organização da igreja de Badajoz, teve lugar a dedicação do lugar de culto desta mesma congregação.

Eleita nova direcção da União Jugoslava

Depois de 17 anos de consecutiva presidência da União Jugoslava, o Pastor Slankamenac foi aposentado e substituído pelo Pastor Jovan Lorencin. O Ir. Velimir Subert continuou como secretário-tesoureiro.

COLÉGIO DE OLIVEIRA DO DOURO

Se deseja passar umas férias agradáveis, em ambiente de campo, mas com a possibilidade de ir à praia [a 10 km], e somente a 5 km do Porto, USE AS INSTALAÇÕES DO NOSSO COLÉGIO!

Preços:

Dormida	Esc. 400\$00
Alimentação	Esc. 500\$00

Deve haver uma **inscrição prévia**, em que a Escola comunicará a possibilidade de lugar.

Escreva para:

Dr. Samuel Grave
Externato Adventista
Rua do Jorgim, 166 — Oliveira do Douro
4400 VILA NOVA DE GAIA



25 de Maio de 1985

DIA NACIONAL DE BAPTISMOS



Cada Igreja e Grupo deverá fazer um esforço para que haja candidatos de todas as Igrejas e Grupos

**CERIMÓNIAS ESPECIAIS DE BAPTISMOS DEVEM
SER ORGANIZADAS EM CONJUNTO**

Após esse dia, devem ser enviados à União, com muita urgência, os talões dos diplomas distribuídos.

*«E todos os dias acrescentava o Senhor, à igreja, aqueles que se haviam de salvar»
(Actos 2:47).*